Estudo de indivíduos com handicap físico, psicológico e cultural*

ISABEL ADRADOS**

Foi analisada a influência da cultura no desenvolvimento da personalidade através do Método de Rorschach. Revisão crítica de algumas pesquisas a esse respeito mostram que tal fator não é o mais importante para o equilíbrio da personalidade. Culturas diferentes são muito mais atuantes que um nível mais ou menos elevado de cultura. Levanta-se a hipótese de que o *handicap* psicológico e as carências afetivas podem ser os fatores mais destrutivos dentre todos os tipos de carência.

Tenho ciência de que os vários rorschachistas que aderiram ao presente tema colocarão para nós, em detalhe, e possivelmente a nível de pesquisa, o que acontece aos indivíduos que enfrentam a vida com *handicap* físico, psicológico e cultural. Por isso, acredito que a direção do Congresso e, enfim, os psicólogos esperam de mim, nesta introdução ao tema, apenas algumas idéias, lembranças originadas nestes longos anos de estudo da Técnica de Rorschach.

Nunca trabalhei com os verdadeiros carentes, isto é, aqueles que vivem em condições subumanas. As estatísticas do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) apontam o Brasil como o sexto maior contingente de desnutridos do mundo. Mais de 30 milhões de brasileiros vivem em condições penosas, passando fome. Dos famintos, 12 milhões são crianças de até seis anos de idade. Dessa idade em diante, o dobro vive na rua, dorme na rua, sem ter acesso às primeiras letras, sem recursos médicos, subnutridos, com déficit ponderal, estatural, mental, porque a cota de proteínas é pequena para o desenvolvimento normal de seu sistema neuronal; crianças que ficam cegas por insuficiência de vitamina *A*, num país tão rico como o nosso! Que egoísmo de nossa parte, ou que ignorância deles, leva a uma situação tão dramática? São carentes física, cultural, emocionalmente; grupos humanos muito sofridos. Algumas dessas famílias conseguem conservar o sentimento de união, proteção,

* Conferência pronunciada perante o VI Congresso Latino-Americano de Rorschach e outras Técnicas Projetivas, São Paulo, 1985. (Artigo apresentado à Redação em 13.8.85.)
** Psicóloga. (Endereço da autora: Rua Roberto Dias Lopes, 74/703 — 22.010 — Leme — Rio de Janeiro, RJ.)

amor, mas a maioria se desfaz logo e as crianças ficam soltas, sem ter onde se aconchegar.

Não há dúvida de que a miséria e o atraso predispõem à violência e à delinqüência. O abandono em que vivem milhões de crianças, a carência de meios educacionais, a desmoralização do ambiente podem levar à anulação dos valores éticos. Jeffrie G. Murphy, diretor do Departamento de Filosofia da Universidade de Arizona, num estudo publicado na revista *Philosophy*, discursando sobre se a sociedade pode ou não pode punir, acha que a simples conotação de que 80% dos criminosos recolhidos às prisões norte-americanas pertencem às classes inferiores da sociedade é um forte argumento a favor da tese de que a criminalidade resulta, em grande parte, de uma combinação de egoísmo e um ambiente onde as oportunidades não são eqüitativamente distribuídas.

É esse egoísmo que gera a culpa que faz com que nas grandes cidades nos sintamos em perigo sem que tenhamos sido ameaçados ou desafiados. A desconfiança paranóica transforma, muitas vezes, desconhecidos inofensivos, em inimigos. Por outro lado, esses indivíduos que geram violência, atrás do ódio e da raiva, escondem forte sentimento de inferioridade e insegurança. Experimentam de tal forma a situação social que, nas suas mentes povoadas de becos sem saída, a morte é muitas vezes preferível ao estado de coisas existente. Assim, seu comportamento obedece freqüentemente a um impulso suicida.

Eu me perdi nessas considerações que dizem respeito a toda a América Latina e que irmanam os psicólogos numa preocupação comum; perdi-me porque queria transmitir-lhes que nunca trabalhei com essa população tão carente. Contudo, examinando o problema num nível menos dramático, isto é, na faixa social do operário sem especialização, que vive em subúrbios longínquos, em barracos, nas favelas, compreendi que, mais do que o *handicap* cultural, é o problema econômico-social que gera graves alterações na dinâmica da personalidade. De fato, essas classes mais humildes têm sua fonte de informação permanente através da TV e do rádio, aparelhos aos quais vivem permanentemente ligadas; de tal forma que não apenas a cultura, mas também a contracultura vem sempre no bojo dessas informações. Uma bagagem muito intensa de destrutividade; notícias sobre guerras, cataclismos e, enfim, brutalidades em vasta escala coroadas sempre pela ameaça nuclear. Esse fator de nossa atual cultura é que determina elevado nível de ansiedade, frustração, falta de objetivos definidos, gerando violência e mal-estar. Quem pensa que os jovens e as crianças não estão ligados nesses problemas está redondamente enganado! Nos EUA, pesquisa realizada nas escolas a respeito da guerra teve seu resultado resumido na resposta de uma menina da amostra: "A guerra é uma coisa horrível, mas temos que aprender a conviver com ela."

E os jovens? Eles temem o holocausto e se revelam. Na Finlândia, essa é a maior fonte de angústia em alunos de 13 a 18 anos. A ameaça da guerra atômica é uma das principais causas de suicídio entre os jovens desse país. A frustração gerada pelo conflito mundial desenvolve forte potencial agressivo na juventude, que, às vezes, é dirigido contra o ambiente em forma de violência e conduta anti-social e outras contra o próprio ego. Eles pensam que não tem sentido fazer grande esforço de afirmação; seguir padrões elevados, para quê? Em pesquisa similar à da Finlândia, realizada nos EUA, 80% dos jovens me-

nores de 18 anos têm certeza de que haverá uma guerra nuclear, e a convicção de que morrerão nela.

Quer dizer, deixando de lado essas informações da contracultura e voltando ao *handicap* cultural propriamente dito, pensamos que, quando a falta de estímulos é muito intensa, empobrece o mundo da criança que não tem acesso às informações mais sofisticadas, como as crianças de *status* mais privilegiado.

A carência de recursos, a desinformação e a falta de um nível cultural condizente afetam o indivíduo, principalmente na esfera intelectual; na minha experiência, não desorganizam a personalidade, não afetam o equilíbrio psicológico, simplesmente o modificam.

Nas pesquisas por mim realizadas com crianças e adolescentes, não encontrei diferenças significativas nos principais aspectos da personalidade, quando eles eram provenientes de lares onde o cabeça da família era um profissional liberal, ou naqueles que pertenciam a operários não-qualificados ganhando salário mínimo. Todos eles foram submetidos à Técnica de Rorschach individualmente e os aspectos pesquisados foram: a capacidade de crítica mediante o levantamento do F+% extenso, a capacidade de abstração e de síntese, mediante o estudo das globais simultâneo ou sucessivo-combinatórias, as possibilidades criadoras, mediante a análise das respostas de movimento humano; também foi estudada a maturidade afetiva e a capacidade de adaptação social. As diferenças apresentadas a nível estatístico foram mínimas e nunca significativas. Acreditamos que os meios de difusão cultural, proporcionando praticamente as mesmas oportunidades para todos, de certa forma, igualam as diferenças sociais e a influência que estas poderiam ter no desenvolvimento mental, sendo que os filhos de operários mais qualificados conseguiram médias superiores aos filhos de universitários em capacidade de crítica e capacidade de adaptação sócio-afetiva (*ABPA*, abr./jun. 1973).

Outras experiências e pesquisas relativas ao aspecto cultural, isto é, no que diz respeito ao tipo de cultura ou aculturação, revelam que culturas diferentes são muito mais atuantes do que um nível mais ou menos refinado de cultura em relação aos vários aspectos da personalidade da criança e do adolescente. Pude constatar isto num trabalho que realizei comparando a personalidade das crianças cariocas e paulistas, duas amostras de 400 indivíduos cada uma. Foram examinados aspectos como: percepção, tipo vivencial, maturidade afetiva e controle. Os quatro aspectos apresentaram diferenças significativas; o grau de controle intelectual foi altamente significativo. Quer dizer, as diferenças climáticas, topográficas, estilo de vida e, principalmente, os homens que povoaram essas cidades foram os fatores decisivos para dar origem a essas diferenças em crianças que moram, apenas, a uma hora de distância de avião.

Resumindo, penso que a cultura, sua falta, ou culturas diferentes, podem determinar características de personalidade bem diferentes, mas não originam patologias ou distorções. No desenvolvimento afetivo-emocional da criança, mesmo processando-se num ambiente cultural pobre, desde que o clima afetivo do lar e o ambiente familiar sejam adequados, o núcleo da personalidade mantém-se preservado.

A ação catalisadora do afeto, quando profundo e relacionado, principalmente com as figuras parentais, dilui ou ao menos diminui consideravelmente o poder destrutivo de determinados ambientes. Isto foi constatado, por exemplo, com "as crianças de guerra"; estou-me referindo à guerra civil espanhola. Dois

países inimigos na época, Alemanha e Rússia, que apoiavam, respectivamente, os "franquistas" e os "republicanos", transferiam as crianças que residiam próximo da linha de combate para seus respectivos países, tentando poupá-las dos sofrimentos da guerra. Entretanto, aqueles que permaneceram junto à mãe, mesmo sendo evacuados diversas vezes, sofrendo bombardeios, fome e toda classe de problemas, transformaram-se em adultos normais; já os transferidos para outros países, de acordo com o *follow-up*, são — a maioria ainda vive — indivíduos desajustados, neuróticos e até psicóticos.

O "handicap" psicológico. Vivi uma experiência com crianças excepcionais da Sociedade Pestalozzi do Rio de Janeiro como supervisora de uma pesquisa coordenada pela Dr.ª Diva Deiss, na época minha aluna na Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal. Essa experiência teve resultados surpreendentes, principalmente para a equipe de profissionais da instituição. O objetivo geral era fazer um estudo da criança excepcional, deficiente mental, visando melhor aproveitamento dos seus recursos. Os objetivos específicos eram três: 1. avaliação do nível de inteligência mediante a Técnica de Rorschach; 2. avaliação dos graus de comprometimento em virtude da deficiência mental; 3. avaliação do índice de maturidade afetiva e possibilidade de adaptação ao ambiente.

A hipótese geral era: a Técnica de Rorschach é capaz de discriminar os indivíduos excepcionais em dois grupos: os verdadeiros deficientes e os que apresentam uma repressão intelectual por outros problemas.

Trabalhamos com uma amostra de 90 crianças com idades entre 7 e 15 anos e 11 meses, todas diagnosticadas como excepcionais e orientadas como tais.

Além da Técnica de Rorschach utilizou-se o WISC e um questionário. Feito o levantamento dos dados, verificou-se que era maior o número dos bloqueados do que o dos verdadeiros deficientes. Isto foi muito chocante, pois o destino de algumas dessas crianças estava bastante comprometido, desde que orientadas como deficientes.

Sempre me lembro de uma menina daquela amostra que deu a seguinte resposta à lâmina IX, referindo-se ao D_1: "Uma babá de avental, correndo atrás de uma criança que tem o cabelo preso por uma trança." Quer dizer, apenas por essa resposta, conseguida na prancha mais difícil do teste, já podíamos concluir que não se tratava de uma deficiente de fato. Analisados cuidadosamente os dados restantes, verificamos que era uma criança esquizofrênica.

Enfim, observou-se a nível de pesquisa (que os interessados podem encontrar publicado nos *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* de abril/junho de 1980) que a Técnica de Rorschach é capaz de discriminar os verdadeiros excepcionais, os carentes, daqueles que têm seu potencial bloqueado por outros problemas. Constatou-se também que 60% das crianças que constituíram a amostra pertenciam a este segundo grupo.

A nível de entrevista, aqueles excepcionais que eram mais amados e aceitos pelos pais tinham melhor rendimento no ensino especializado. Esse quadro não é fácil de ser encontrado, pois, como todos sabemos, a aceitação do excepcional pelos parentes e familiares é rara. Entretanto, o bom equilíbrio afetivo-emocional no excepcional é meio caminho andado para encontrar soluções acertadas de adaptação. A nível individual, nunca esqueço de uma experiência que

tive quando na Direção da Seção de Orientação Infantil do ISOP, uma menina de nove anos foi encaminhada pelos pais conscientes da sua deficiência e, absolutamente, não estavam interessados no grau dessa deficiência; queriam apenas sua felicidade e visavam uma orientação que a tornasse mais independente e ajustada naquela realidade que teria de enfrentar por toda a vida. A avaliação psicológica revelou a deficiência, mas, paralelamente, a Técnica de Rorschach registrava uma vida afetiva muito rica e saudável, sendo criada com mais três irmãos recebendo a mesma quota de amor e, o mais importante, sendo aceita na sua excepcionalidade.

Na minha experiência, o *handicap* afetivo é o mais destrutivo. No último Congresso Latino-Americano de Rorschach, realizado em Montevidéu, relatei a minha experiência com a Fundação Romão Duarte, do Rio de Janeiro, instituição dedicada ao amparo da criança abandonada pelos pais. Na época, as irmãs que dirigiam a Fundação solicitaram a orientação do ISOP.

A avaliação psicológica dessas crianças revelava sinais inconfundíveis de apatia, dificuldade de concentração, vocabulário pobre, reações lentas, interesses limitados e, o que mais impressionava era a imensa indiferença afetiva.

Estabeleci um acordo com fábricas, indústrias etc., clientes do ISOP, de forma a poder enviar essas crianças com mais de 14 anos para desempenhar tarefas simples, de acordo com suas aptidões. Mas, transcorridas algumas semanas, na melhor das hipóteses alguns meses, eram devolvidas por dificuldade absoluta de integração social. A falta de traquejo e tato social era de tal índole que configurava um quadro de deficiência mental.

Para entender melhor esse grupo humano fiz um estágio de convivência com elas o mais que pude durante uma semana, passando a ter uma compreensão mais profunda do porquê do seu fracasso. O problema que determinava o *handicap* afetivo começava no berçário, muito limpo, inclusive asséptico; duas freiras entravam com as mamadeiras e as mantinham perto da boca das crianças amparadas por travesseiros. Poucos minutos depois, escutava-se um berreiro enorme, que ia aumentando e era causado pelo desconectar da mamadeira da boca da criança. Essa era a primeira grande frustração, sucedida de muitas outras, durante o desenvolvimento afetivo-emocional.

Na época, consegui que as crianças menores fossem materializadas e ajudadas pelas mais velhas, sempre as mesmas; que freqüentassem a escola pública do bairro e a mesma coisa com a Igreja e a pracinha de recreação; em lugar de ter atividades recreativas, religiosas e escolares na própria instituição, o que restringia mormente seus contatos com o mundo externo. Isto determinaria um melhor desenvolvimento afetivo-emocional.

Enfim, o *handicap* afetivo é no meu conceito o mais corrosivo. Ele pode ser encontrado nos lares onde os pais se omitem e permanecem em distante indiferença; nas instituições onde as crianças não são maternalizadas, ou nas ruas onde tantos meninos vivem soltos como pássaros perdidos numa revoada cega tentando encontrar um ninho.

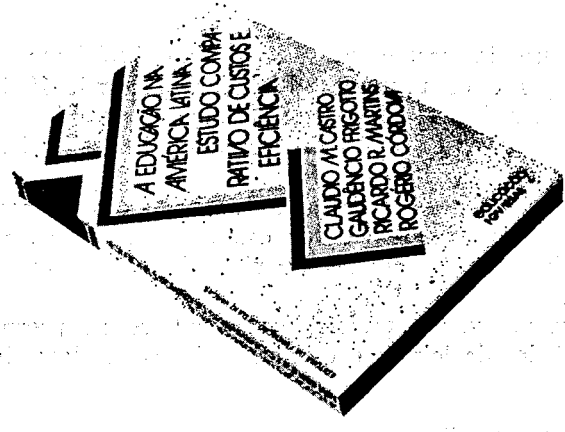
Essas crianças sempre me lembram o poema de Tejada Gomez musicado e cantado por Mercedes Sosa, Hay un niño en la calle: "A esta hora exactamente hay un niño en la calle, es honra de los hombres proteger lo que crece, cuidar que no haya infancia despierta por las calles. Pobre del que haya olvi-

dado que hay millones de niños que viven en la calle. Nadie protege esa vida que crece y el amor he ha perdido como um niño en la calle."

Abstract

Discusses the influence of culture in the development of personality, using the Rorschach test. Some researches show that cultur is not the most important factor for the balance of personality. Diferent cultures is much more effective than a high level of culture. Studies also the hypothesis that the psychological handcap and afective need may be most destructive factors among all needs types.

UMA
PESQUISA
AMBICIOSA



Nas livrarias da FGV:
Rio - Praia de Botafogo, 188
Av. Presidente Wilson, 228-A
São Paulo - Av. Nove de Julho, 2029
Brasília - CLS 104, Bloco A, loja 37

Ou pelo Reembolso Postal
À FGV/Editora - Divisão de Vendas
Caixa Postal, 9052
20.000 - Rio de Janeiro - RJ